

## Sêneca e a sátira ao Imperador Cláudio\*\*

### RESUMO

Este artigo apresenta uma obra prima da sátira romana escrita por Lúcio Âneu Sêneca, na qual o Imperador Cláudio, ao invés de se tornar um deus após a sua morte, é transformado em uma “abóbora”, imagem de um tolo, que já em vida tinha sido objeto de risos por seus defeitos físicos e morais na corte romana e entre os súditos.

**Palavras-chave:** Sêneca; Cláudio; Sátira; *Apotheosis*; *Apokolocytosis*.

### ABSTRACT

This article presents a masterpiece of Roman satire written by Lucius Annaeus Seneca, in which the Emperor Claudius, instead of becoming a god after his death, is transformed into a “pumpkin”, image of a fool, who in life had been the object of laughter for his physical and moral defects in the Roman court and among the subjects.

**Keywords:** Seneca; Claudius; Satire; *Apotheosis*; *Apokolocytosis*.

\* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Antonianum (Roma) e professor do curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: jcdafilosofia@hotmail.com

\*\* Trabalho apresentado no I Colóquio de Filosofia Antiga da Universidade Federal do Ceará promovido pelo GT de Filosofia Antiga no período de 19 a 21 de novembro de 2013, cujo tema era *Sobre o riso e a loucura na filosofia antiga*.

O historiador Dion Cássio nos relata em sua *História romana* que, ao ter ciência das ações malélicas da Imperatriz Agripina e de suas pretensões de assegurar o poder ao filho Nero, o imperador Cláudio procurou se aproximar do filho Britânico,<sup>1</sup> que a própria Imperatriz fizera questão de afastar do convívio do pai, demonstrando-lhe afeição, induzindo-o a assumir a toga viril e, por fim, intencionando designá-lo à sucessão do trono imperial. Quando soube disso, Agripina sentiu medo e se apressou em envenenar o Imperador antes que este levasse a cabo suas pretensões em relação a Britânico. Todavia, cumprir tal intento não era tarefa fácil, pois os imperadores sempre adotavam certos procedimentos de cautela, de modo especial por ocasião das refeições. Agripina chamou Locusta, uma famosa envenenadora da época, que aprontou um veneno letal. Preparou-se então um prato de fungos e Agripina fez questão que Cláudio degustasse especialmente o fungo maior e mais belo, precisamente aquele que continha o veneno. Vítima de um complô, Cláudio foi levado para os seus aposentos como se estivesse embriagado, fato que ocorrera em outras ocasiões, não chamando, portanto, maior atenção dos presentes. Durante a noite, o efeito do veneno se fez sentir e o imperador morreu sem dizer ou sentir nada aos 63 anos. Era o dia 13 de outubro de 54 d.C. (DIONE, 2000, LX, 34, 3-4).

Cláudio foi sepultado e recebeu todas as demais honras que foram concedidas também outrora ao Imperador Augusto. Agripina e seu filho Nero fingiram chorar aquele que tinham assassinado. Foi próprio este último a pronunciar em público o elogio fúnebre ao Imperador escrito por Sêneca, pois não possuía entre as suas aptidões aquela da arte retórica. A oração não chegou até nós, mas confiando naquilo que nos diz o historiador Tácito nos *Anais*, parece que o elogio fosse elegante e refinado como o seu autor, refletindo também a tendência ao oportunismo e à duplicidade. Conta-nos Tácito que houve um momento no qual os louvores ao defunto foram tão exagerados que o auditório não pôde conter as risadas:

Nel giorno dei funerali, quando Nerone pronunciò l'elogio funebre di Claudio, l'uditorio lo ascoltò con gravità pari alla sua, finché egli si limitò a celebrarne l'antichità della stirpe e a enumerare i consolati e i trionfi de suoi antenati; analogamente gli si prestò benevola attenzione mentre ricordava gli interessi culturali di Claudio e il fatto che, durante il regno di lui, lo Stato non aveva subito alcun danno da parte dei nemici esterni; ma appena egli passò a vantarne la saggezza e la previdenza, non vi fu nessuno che riuscisse a trattenere il riso, benché il discorso, composto da Seneca, presentasse una notevole eleganza, quale ci si poteva aspettare da quell'uomo dallo stile brillante e conforme ai gusti del tempo. (TÁCITO, 2004, p. 157 e 159).

<sup>1</sup> Britânico era filho de Cláudio com Messalina.

Na verdade, Sêneca tinha fortes motivos para detestar Cláudio, responsável pelo seu exílio na Córsega de 41 a 49 d.C. Enquanto compunha um elogio fúnebre de pura circunstância para o uso de Agripina e Nero, que se preparavam para divinizar o Imperador assassinado, também Sêneca participava do clima de alegria e escárnio que acompanhou a morte de Cláudio. Na corte surgiam piadas maledicentes sobre o fim de um Imperador que em vida tinha sempre levado as pessoas ao riso pelos seus defeitos físicos (era coxo, cheio de tiques nervosos e gaguejava) e pelas suas obsessões. Nero, referindo-se com humor macabro à divinização do padrasto morto, afirmou que os fungos eram o alimento dos deuses e Cláudio, graças a um fungo, tornara-se deus:

Anche Nerone ha lasciato una battuta che merita di non essere trascurata: disse, infatti, che i funghi sono un cibo degli dei, dato che anche Claudio grazie al suo fungo era diventato un Dio. (DIONE, 2000, p. 399).

Também o historiador Suetônio nos relata em *Vida dos Césares* uma outra piada maldizente de Nero sobre Cláudio:

I suoi parricidi e i suoi assassini cominciarono con l'eliminazione di Claudio, giacché se non ne fu l'autore, ne fu tuttavia il complice e lungi dal nascondere, perché a partire da quel momento prese l'abitudine di citare un proverbio greco che celebrava come cibo degli dei i funghi di cui ci si era serviti per avvelenare quell'imperatore. In ogni caso elargì ogni sorta di oltraggi alla sua memoria, sia con parole, sia con azioni, rimproverandogli di volta in volta la sua stupidità e la sua crudeltà; diceva, ad esempio, che egli aveva finito di "soggiornare" tra gli uomini, giocando sul termine "morari" di cui allungava la prima sillaba. (SVETONIO, 2002, p. 279-280).

Dion Cássio testemunha que Sêneca escreveu a *Apocoloquintose do Divino Cláudio* com o claro intento de ridicularizar a apoteose de Cláudio, e aproxima a ironia que inspira este opúsculo do Cordobês, do qual ele atesta também o título, daquele indicado por Júnio Galião, irmão de Sêneca, também este autor de um dito destinado a ridicularizar a divinização de Cláudio. Para Galião, o Imperador teria sido puxado para o céu por um gancho, o instrumento com o qual se arrastavam os cadáveres dos mortos nos cárceres:

Mentre Seneca stesso, infatti, compose uno scritto intitolato *Apokolocyntosis*, come se fosse una sorta di apoteosi, Gallione, invece, viene ricordato per aver condensato molto in una brevissima battuta. Dato che appunto i carnefici generalmente trascinavano nel Foro i corpi di coloro che erano stati condannati a morte in carcere facendo uso di grossi uncini, e da lì in poi li tiravano fino al fiume, egli disse che Claudio era stato innalzato fino al cielo con un uncino. (DIONE, 2000, 399).

Do ponto de vista da forma, a *Apocoloquintose do Divino Cláudio*<sup>2</sup> de Sêneca é considerada uma sátira menipéica, ou seja, um gênero literário inaugurado por Menipo de Gádara,<sup>3</sup> escritor da escola cínica do século III a.C. Suas obras, hoje perdidas, eram célebres pela grande habilidade que mostravam ao tratar de coisas sérias com um tom burlesco: é o chamado *spoudaiogelion* em grego, ou *ridentem dicere verum quid vetat* em latim, na famosa fórmula de Horácio: “O que impede quem ri de dizer a verdade?” (HORACE, 1942, p. 24). A sátira menipéica se diferencia da sátira comum, para qual a Quintiliano reivindica uma origem autenticamente latina (QUINTILIANO, 1979, p. 95), pelo fato de nela se alternarem trechos escritos em prosa com diversas formas de poesia. Foi Varrão quem introduziu o gênero na literatura latina, de cujas sátiras menipéicas nos restaram algo em torno de 600 fragmentos, quase todos eles muito breves. Foi deste gênero que Sêneca se serviu para a composição da sua sátira.

A propósito do título<sup>4</sup> escolhido por Sêneca para a sua obra satírica e confirmado por Dion Cássio (DIONE, 2000, p. 399), *apokolocyntosis* é uma clara deformação de *apotheosis*, e poderia ser traduzido por “transformação em abóbora” ao invés de “transformação do homem em deus” como indica o segundo termo. O texto de Sêneca que chegou até nós, ainda que apresente alguma lacuna, não contém uma cena na qual o Imperador defunto sofra uma própria e verdadeira transformação em abóbora. A “transformação de Cláudio em abóbora” deve ser considerada apenas em um sentido figurado, pois a palavra *abóbora*<sup>5</sup> já era utilizada metaforicamente entre os romanos para indicar pessoas tolas, bobas, sem intelecto. Tal consideração se fundamenta na presença, já no mundo clássico, da metáfora da abóbora a indicar uma cabeça de pouco valor ou até estúpida. Os testemunhos mais significativos são duas passagens de Apuleio em *Metamorfoses*: em V, 9 aparece a expressão “cucurbita calviorum” (“mais pelado que uma abóbora” (APULEIO, 1988, p. 328), na qual é evidente a identificação da cabeça calva com uma abóbora lisa. Já em I, 15 a frase “nos cucurbitae caput non habemus ut pro te moriamur” (“nós não temos uma cabeça de abóbora a tal ponto de morrer por ti” (APULEIO, 1988, p.156), mostra de modo claro a identificação da cabeça com a abóbora. É também muito significativo o testemunho de Juvenal no passo VI 620-623 das *Sátiras*:

<sup>2</sup> Seguimos aqui o título da sátira de Sêneca indicado na edição brasileira da coleção “Os Pensadores” da editora Nova Cultural publicada em 1988. Servimo-nos dela para as citações no presente trabalho.

<sup>3</sup> Diógenes Laércio, em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VI, 99-101, nos apresenta um breve relato a respeito da vida de Menipo de Gádara, no qual o apresenta como avaro, usurário, nem um pouco sério e sem compreensão da natureza do cinismo.

<sup>4</sup> Vinte códices, alguns dos quais remontam aos séculos X e XI, conservam o texto da sátira de Sêneca. Todos eles apresentam a mesma lacuna entre os capítulos VII e VIII. Em quase todos os manuscritos o título da obra aparece da seguinte forma: *Ludus Senecae de morte Claudii Neronis*, ou algo semelhante. No melhor manuscrito de que dispomos, a saber, o códice sangalense do século X ou XI, a sátira tem como título *Divii Claudii apotheosis Annaei Senecae per saturam*. O único a nos transmitir o título *Apokolocyntosis* foi Dion Cássio em sua *História romana*.

<sup>5</sup> O termo “abóbora” em grego é *colocynthe*, enquanto em língua latina é *cucurbita*.

“Minus ergo nocens erit Agrippinae boletus, siquidem unius praecordia pressit ille senis tremulumque caput descendere iussit in caelum et longa manantia labra saliva.” “De Agripina, por certo, o cogumelo não causou dano igual, por que de um velho já de cabeça trêmula, e babado contínuo, a morte abreviou, mandando-o para o céu de presente” (JUVENAL, 1928, 134). Nessa passagem, Juvenal apresenta a ideia de que o velho Cláudio, ao invés de ascender glorioso ao céu, chega lá com uma cabeça trêmula, enferma e desprezível. É muito provável que Juvenal tivesse em mente a obra satírica de Sêneca, e talvez ainda o severo dito de Júnio Galião, irmão do Cordobês.

Não iremos nos deter mais demoradamente aqui sobre as questões da forma e do título da sátira de Sêneca. Parece-nos preferível no momento resumir-lhe o conteúdo.

Na abertura da obra *Apocoloquintose ao Divino Cláudio*, Sêneca afirma que narrará “os acontecimentos que se passaram nos céus durante o dia 13 de outubro,<sup>6</sup> primeiro ano de uma nova era de felicidade [...] sem ressentimentos nem simpatias” (SÊNECA, 1988, p. 251).<sup>7</sup> Logo adiante ele diz ter se tornado “livre no mesmo instante em que acabou os seus dias aquele que tinha demonstrado a verdade do provérbio: *um homem nasce ou rei ou idiota*” (SÊNECA, 1988 p. 251).<sup>8</sup> Sêneca, todavia, não sabe precisar a hora da morte de Cláudio:

É mais fácil pôr de acordo os filósofos do que os relógios. Bom, a hora: entre o meio-dia e a primeira badalada. Oh! Homem sem polidez, dirá o leitor, em geral, os poetas não se contentam em descrever a aurora e o pôr do sol: incomodam até o meio-dia. E tu queres deixar de lado uma hora tão bela? (SÊNECA, 1988, p. 252)<sup>9</sup>

Observando que Cláudio padecia e desejando abreviar-lhe o sofrimento, Mercúrio chamou Cloto, uma das Parcas,<sup>10</sup> e indagou-lhe:

Mulher impiedosa, por que deixas padecer aquele infeliz? Nunca terá descanso, depois de tão longas torturas? Durante sessenta e quatro anos ele brigou com a própria alma. Por que não queres dar uma alegria a ele e a seu povo? (SÊNECA, 1988, p. 252).

Cloto<sup>11</sup> respondeu que tinha pensado em deixar Cláudio vivo mais alguns dias a fim de que ele concedesse a cidadania aos poucos provincianos

<sup>6</sup> Trata-se da data de falecimento do imperador Cláudio atestada pelos historiadores Suetônio (*Vita dei Cesari: Claudio* 45), Tácito (*Annali*, XII, 69) e Dion Cássio (*Storia romana* LIX, 10-11).

<sup>7</sup> Se a narrativa se fará sobre uma nova era de felicidade, é de se supor, sem maiores dificuldades, que Sêneca caracteriza o reinado de Cláudio como um período de trevas.

<sup>8</sup> Quando narra a vida de Cláudio, o historiador Suetônio nos relata que todos ridicularizavam o imperador pela sua imbecilidade.

<sup>9</sup> Cláudio morrera um pouco antes do horário anunciado por Sêneca. Todavia, como eram necessários alguns acertos sobre a sucessão do trono, a proclamação da morte do imperador se deu mais tarde. Cf. SVETONIO. *Vita dei Cesari: Claudio* 45; *Nero* 8; TACITO, *Annali* XII, 69.

<sup>10</sup> As Parcas eram três deusas, filhas de Júpiter ou de Érebo e da Noite, que presidiam aos destinos humanos.

<sup>11</sup> Cloto, a mais jovem das Parcas, fiava o fio da vida.

que ainda não a possuíam: “ele decidira ver todos com a toga, Gregos, Gauleses, Hispanos, Britanos”. (SÊNECA, 1988, p. 252).<sup>12</sup>

Cumprindo a determinação de Mercúrio, Cloto abre então uma caixa e pega três fusos: o de Augurino, o de Baba e o de Cláudio.<sup>13</sup> Eles iriam morrer no espaço de um ano, um após o outro. Dessa forma Cláudio não partiria sem companhia. Não seria bom que alguém que fora cercado de adutores em vida, de repente se visse sozinho na morte. Enquanto assistia a um espetáculo de comediantes, Cláudio suspirou pela última vez.

As últimas palavras que ele pronunciou entre os homens (depois de ter soltado um som, mais alto do que de costume, pela parte do corpo com que se exprimia mais eloquentemente) foi esta: *Ai de mim, acho, talvez, que me sujei*. Se era verdade, não sei: o que é certo é que ele sempre sujou em qualquer lugar. (SÊNECA, 1988, p. 253)<sup>14</sup>

O fio da existência de Cláudio fora afinal cortado por Cloto. Agora Láquesis,<sup>15</sup> outra Parca, começa a fiar uma nova era que está para se inaugurar no mundo: é o reinado de Nero, iniciador de um novo Século de Ouro. O próprio Apolo celebra-lhe os louvores em versos efusivos, exaltando a formosura e os talentos do jovem imperador, o retrato perfeito de Apolo no mundo. (SÊNECA, 1988, pp. 252-253).

É anunciada a Júpiter a chegada aos céus de um fulano. Estatura normal, cabelos quase brancos, que abana continuamente a cabeça, coxeia do pé direito e responde acerca de sua proveniência com sons indistintos e voz confusa.<sup>16</sup> Júpiter não identifica sua língua nem com o grego, nem com o latim, nem com a de qualquer outro povo.

Júpiter manda chamar então o herói que viajara pelo mundo inteiro e que deveria conhecer todos os povos a fim de investigar a raça daquele sujeito:

Hércules, à primeira vista, sentiu grande medo, como se não tivesse acabado de lutar com os monstros. De fato, logo que viu aquele focinho nunca visto, aquele modo de andar tão esquisito, e ouviu aquela voz rouca e inarticulada, que não era de animal terrestre, mas parecia-se com a dos monstros marinhos, pensou: Não acabei: eis meu décimo terceiro trabalho! Depois, olhando-o melhor, encontrou nele alguma aparência de homem. Aproximou-se e lhe perguntou em grego, coisa fácil para um natural da Grécia: Qual o teu nome? O teu povo? A cidade em que moras? Os pais? (SÊNECA, 1988, p. 253).

<sup>12</sup> Cláudio desejou nivelar os súditos, favorecendo os provincianos com concessão de cidadania.

<sup>13</sup> Augurino e Baba são personagens desconhecidas. Talvez tais homens fossem indicados como os maiores bobos da cidade.

<sup>14</sup> Era costume se transmitir as últimas palavras dos homens ilustres antes de morrer. A passagem em questão reveste-se de um profundo tom sarcástico.

<sup>15</sup> Láquesis determinava a qualidade e o comprimento do fio da vida.

<sup>16</sup> São características físicas que retratam a figura de Cláudio. Cf. SVETONIO. *Vita dei Cesari: Claudio*, 45.

Cláudio, procurando demonstrar as suas qualidades de César, responde com o seguinte verso de Homero: “De Ílio os ventos levaram-me à terra onde Cíconos moram.” (HOMERO. *Odisseia*, IX, 39 *apud* SÊNECA, 1988, p. 254). Mas Sêneca observa que o verso homérico seguinte seria o mais apropriado: “Onde toda a cidade saqueei, destruindo os seus homens.” (HOMERO. *Odisseia*, IX, 40 *apud* SÊNECA, 1988, p. 254).<sup>17</sup>

Hércules já ia se convencendo quando aparece a deusa Febre e diz ao herói que Cláudio nascera, na verdade, em Lyon. (SVETONIO: *Claudio*, 2,2). Tratava-se, portanto, de um gaulês autêntico, “e, como bom gaulês, apoderou-se de Roma” (SÊNECA, 1988, p. 254).<sup>18</sup> Cláudio se irrita com as palavras da deusa Febre e esbraveja. Hércules pede a Cláudio que pare com as brincadeiras e que diga a verdade. Diante do portentoso Hércules, Cláudio muda o tom da conversa e passa a implorar-lhe a intervenção para que fosse admitido no céu.

Hércules acaba por ceder, permitindo a entrada de Cláudio no palácio dos deuses, que devem decidir da questão da admissão do Imperador ao Olimpo. Esta é uma hipótese, porque, devido ao fato de se encontrar no capítulo VII a lacuna nos manuscritos, não sabemos ao certo qual o rumo que tomou o diálogo entre Hércules e Cláudio. É provável, porém, que as negociações entre ambos conduzam a um resultado favorável para Cláudio, visto que no capítulo VIII, onde o texto reinicia, encontramos Cláudio na cúria celeste. Um dos olímpicos — não sabemos quem seja — pergunta a Hércules como ousou entrar no recinto sagrado com aquele desgraçado. Ele indaga sobre a pretensão de Cláudio em se tornar um deus e o modelo de divindade a ser adotado pelo Imperador em sua apoteose:

Um deus à maneira epicureia não é possível: seria um deus que não se incomoda por nada e não incomoda ninguém. Um deus estoico? Mas como poderia ser ‘redondo’ – conforme as palavras de Varão – ‘sem cabeça e sem prepúcio’? Embora... espera um momento: nele há alguma coisa do deus estoico, pois não tem coração nem cabeça. (SÊNECA, 1988, p. 255).

Neste momento, Júpiter, o presidente da assembleia, intervém. Referindo-se ao regimento da casa, que proíbe discussões em presença de estranhos, ordena que Cláudio se retire do recinto. Restabelecida a ordem, começa a deliberação regulamentar.<sup>19</sup> Quem primeiro toma a palavra é o deus Jano.<sup>20</sup> Ainda que lamente o costume recentemente introduzido de conceder as honrarias divinas a qualquer um, Jano não quer negá-las a Cláudio, contanto que

<sup>17</sup> Cláudio, descendente de Enéias, teria vindo de Tróia (Ílio) para residir entre os bárbaros (Cíconos), ou seja, os romanos. Sêneca acrescenta ironicamente que Cláudio não deveria mencionar o verso 39, mas sim o 40, no qual se afirma que o imperado destruíra Roma e os romanos.

<sup>18</sup> Os gauleses ocuparam e saquearam Roma em 390 a.C. conduzidos por Breno.

<sup>19</sup> Há nesse trecho da sátira uma evidente paródia às sessões do Senado Romano.

<sup>20</sup> É o deus romano ao qual era consagrado o início de todas as coisas. O primeiro mês do ano era dedicado a ele e um culto especial no começo de uma guerra.

seja o último a candidatar-se. Após esta sentença frouxa, ouvimos a opinião do velho Diéspiter.<sup>21</sup> Também ele vota a favor de Cláudio, o que não é de espantar, já que este deus decrépito não é inferior ao Imperador em avareza. São várias as sentenças dos diversos deuses, mas parece que a causa de Cláudio vai sair vencedora. Para tal resultado não pouco contribui o esforço de Hércules, que muito provavelmente foi subornado pelo defunto:

De fato, Hércules, batendo o ferro enquanto estava quente, corria continuamente, sussurrando a cada um: “Não me negues este favor, é para mim uma questão pessoal. Amanhã, se precisares, retribuir-te-ei: uma mão lava a outra”. (SÊNECA, 1988, p. 257).

Os deuses se dividiram quanto à concessão da apoteose a Cláudio, mas o enfático discurso do divo Augusto, demonstrando as mazelas de Cláudio e de seu principado para com o Império e a família imperial,<sup>22</sup> fez com que as pretensões deste último caíssem por terra:

Proponho sejam tomadas severas providências contra este sujeito, não lhe seja concedida a faculdade de ser julgado, aliás seja levado daqui quanto mais cedo: saía dos céus no máximo dentro de um mês; para deixar o Olimpo: três dias. (SÊNECA, 1988, p. 258).

Mercúrio toma-o então pelo pescoço e o arrasta até o Inferno. Enquanto desciam pela Via Sacra, Mercúrio indaga o porquê da aglomeração de tanta gente: seria o enterro de Cláudio? Era o mais esplêndido enterro de todos os séculos, organizado nos mínimos detalhes: compreendia-se bem que era o enterro de um deus. “Todo o mundo estava alegre, em festa: o povo romano passeava, sentindo-se livre.” (SÊNECA, 1988, p. 258). Ao ver o seu enterro, o Imperador compreendeu que estava morto. Cláudio se deleitava ao ouvir os próprios louvores e desejava assistir longamente ao espetáculo. Porém Mercúrio pegou-o e arrastou-o através do Campo de Marte. Desceu ao Inferno entre o Tibre e a Via Coberta.

Mercúrio ordenou a Narciso, o mais poderoso liberto de Cláudio, que anunciasse a chegada deles. Estando diante da Porta de Dite, onde se achava Cérbero, Cláudio se sentiu um pouco perturbado ao ver “na sua frente aquele canzarrão preto e peludo que não gostaríamos de encontrar na escuridão (sempre se tinha deleitado com um cachorrinho branco)”. (SÊNECA, 1988, p. 259). Narciso pôs-se a gritar que Cláudio estava chegando. Uma multidão festiva foi ao seu encontro: amantes e cúmplices de Messalina, amigos e ini-

<sup>21</sup> Antiga divindade romana, depois confundida com Júpiter.

<sup>22</sup> Sem processo legal, Cláudio matou duas Júlias (uma era filha de Druso, a outra a de Germânico – cf. SVETONIO. *Vita dei Cesari: Claudio*, 29,2; DION CÁSSIO. *Storia romana* LX 18,4), seu futuro genro Lúcio Silano (cf. TACITO. *Annalis*, XII, 3-4, 8; SVETONIO. *Vita dei Cesari: Claudio*, 29,2-3), sua esposa Messalina (cf. TACITO. *Annalis*, XI, 26-38; SVETONIO. *Vita dei Cesari: Claudio*, 26,4-5; DION CÁSSIO. *Storia romana* LX 31,3-5) e inúmeras outras pessoas.

migos, mortos por ordem dele, reuniram-se para receber condignamente quem, afinal, chegara ao Inferno. Mas Cláudio, inconscientemente, pergunta como eles chegaram ali. Então Pédon Pompeu gritando diz que fora a monstruosa crueldade de Cláudio que os enviara até aquele lugar: “Que dizes, monstro cruel? De que maneira? Quem podia enviar-nos aqui, senão tu, o assassino de todos os amigos? Mas vamos diante dos juízes: mostrar-te-ei os nossos tribunais”. (SÊNeca, 1988, p. 259-260).

Cláudio é conduzido em seguida ao tribunal de Éaco;<sup>23</sup> no qual é requerida a inscrição da causa e apresentada a acusação: “Mortos trinta e cinco senadores, duzentos e vinte e um cavaleiros romanos; e depois todos os outros... quantos são os grãozinhos de pó e areia.” (SÊNeca, 1988, p. 260). A princípio sem defensor, Cláudio encontra depois o auxílio de Públio Petrónio,<sup>24</sup> que solicita um tempo para preparar a defesa, mas não é atendido. Pédon Pompeu sustenta a acusação. O defensor deseja responder. Todavia Éaco pronuncia o veto e condena o réu, após ter ouvido apenas a acusação,<sup>25</sup> dizendo:

Receba o mal que fez: assim seja feita a justiça. Mas que castigo seria aplicado a Cláudio? Uns sustentavam: Sísifo já fora carregador por bastante tempo; Tântalo, não recebendo socorro, morrera de sede; era preciso breçar a roda de Ixião, coitadinho. Mas a proposta foi rejeitada: aposentar aqueles veteranos podia dar a Cláudio a ilusão de ter, num dia futuro, igual tratamento. Decidiram que era necessário encontrar um novo castigo: isto é, inventar para ele uma fadiga vã e, ao mesmo tempo, a ilusão de um novo tormento sem fim e sem resultado. (SÊNeca, 1988, p. 260).

Éaco condena-o a brincar com os dados, mas usando um copo sem fundo. Imediatamente Cláudio começa: corre atrás dos seus dados que sempre lhe fogem; e não pode concluir nada. De improviso, Calígula chega e o pede como criado. Volta então a ser escarnecido pelo sobrinho<sup>26</sup> que, em seguida, o dá de presente a Éaco por não observar nele nenhum valor. Éaco o entrega ao liberto Menandro,<sup>27</sup> a fim de que fizesse dele um esbirro<sup>28</sup> na instrução dos processos. Aquele que tivera a pretensão de se tornar um deus, só granjeou no final das contas a condição de “abóbora”, ou seja, de um tolo, de um bobo.

Da leitura da *Apocoloquintose do Divino Cláudio* fica claro que Sêneca ridiculariza impiedosamente a apoteose de Cláudio, demonstrando explicitamente sua total aversão em relação à divinização do Imperador, do qual o filósofo não se cansa de pôr em evidência todos os defeitos, sejam eles físicos ou

<sup>23</sup> Éaco é, ao lado de Radamanto e Minos, um dos juízes do além-túmulo.

<sup>24</sup> Foi cônsul em 19 d.C. e depois procônsul na Ásia (cf. TACITO. *Annalis*, III, 49; VI, 45).

<sup>25</sup> Este era o costume de Cláudio, segundo os seus adversários (cf. SVETONIO. *Vita dei Cesari: Claudio*, 29,2; 15,1).

<sup>26</sup> Cláudio sofreu muito sob o governo de seu sobrinho Calígula (cf. SVETONIO. *Vita dei Cesari: Caligola*, 23; *Claudio*, 8, 9, 38; *Nerone*, 6).

<sup>27</sup> Menandro é talvez um liberto da corte de Cláudio.

<sup>28</sup> Empregado de nível inferior nos tribunais.

morais. Para Sêneca, Cláudio não merece nenhuma apoteose e ascensão ao céu, mas sim ser mandado ao inferno e que ali pague uma devida pena.

Após a leitura da sátira, custa-nos ver Cláudio com olhos diferentes daqueles com que aprovou a Sêneca vê-lo. Parece-nos ser o retrato de Cláudio, por mais caricatural e parcial que seja, uma cópia fiel da realidade. Esta impressão é, em grande parte, devida à grande habilidade estilística do autor, que emprega na sátira um latim coloquial e a permeia com provérbios e ditos populares, alusões cômicas à literatura grega e latina, bem como fantasias caricatas. Tudo na sátira concorre para tornar irrisória e burlesca a figura do Imperador Cláudio.

## Referências bibliográficas

CASSIO DIONE. *Storia romana*. Volume sexto. Introduzione di Marta Sordi, traduzione di Alessandro Stroppa e note di Alessandro Galimberti. Milano: BUR, 2000 (Testo greco a fronte).

DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1977.

HORACE. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. Translation from Latin to English by H. Rushton Fairclough. London: LOEB, 1942.

JUVENAL & PERSIUS. *Satires*. Translation from Latin to English by G. G. Ramsay. London: LOEB, 1928.

LUCIO APULEIO. *Metamorfosi o Asino D'Oro*. A cura di Giuseppe Augello. Torino: UTET, 1988.

QUINTILIANO. *L'Istituzione Oratoria*. A cura di Rino Faranda e Piero Pecchiura. Torino: UTET, 1979.

SÊNECA. *Apocoloquintose do Divino Cláudio*. Tradução e notas de Giulio Davide Leoni. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

SVETONIO. *Vita dei Cesari*. Traduzione dal latino di Edoardo Nosedà. Milano: Garzanti, 2002.

TACITO. *Annali*. Volume due. Traduzione di Lidia Pighetti. Milano: Oscar Mondadori, 2004 (Testo latino a fronte).